



A Engenharia Nacional e o desenvolvimento do País

Alexandre Santos

Artigo publicado pelo jornal 'Folha de Pernambuco' em 15 de março de 2016 sobre a importância da engenharia nacional para o desenvolvimento do País.

Nas últimas décadas, obedecendo ao planejamento ou à mão-invisível do mercado e alternando maior presença ao Estado ou à iniciativa privada conforme os sabores da ocasião, o Brasil se industrializou, intensificou a exploração mineral e modernizou a agropecuária, firmando posição entre as oito maiores economias do planeta.

Este avanço só foi alcançado graças à engenharia nacional brasileira, que, correspondendo ao chamamento do País, superou dificuldades, mobilizou competências, desenvolveu tecnologias, articulou fatores de produção e tudo o mais necessário para atender as encomendas, fazendo surgir rodovias, ferrovias, centrais elétricas, linhas de transmissão, portos, aeroportos, refinarias, estaleiros, sistemas viários, de transportes e de comunicações, redes de abastecimento d'água e de saneamento, complexos industriais e habitacionais e toda a gama de obras e serviços que lhe foi encomendada. É evidente que o atual estágio de crescimento econômico está muito aquém das possibilidades do País e das necessidades da sociedade brasileira. Aliás, embora haja muito por fazer, vale dizer que, graças a profissionais de excelente formação e a empresas com larga experiência e capacidade operacional, a engenharia nacional está pronta para contribuir para a retomada deste esforço.

Esta condição, no entanto, está ameaçada, pois, na esteira dos recentes escândalos de corrupção propagados pela mídia, algumas das principais empresas da engenharia brasileira foram colocadas na alça de mira de setores interessados na estagnação econômica do País e, também, em solapá-las com a intenção pouco factível de aproveitar o vácuo aberto com a sua debilidade e eventual desaparecimento para (como se não houvesse a concorrência internacional) instalar-se e assumir a liderança do setor. Na realidade, sabedoras de que, na hipótese de um embate direto com empresas situadas fora do topo do ranking nacional, a correlação de forças lhes favorece, as gigantes multinacionais, há muito de olho no mercado brasileiro, são as mais interessadas na débacle das maiores empresas do País. No embalo desta ambiência adversa, hoje, o Brasil enfrenta o risco concreto de ver o setor da engenharia desnacionalizar-se e, entregue a própria sorte, ser ocupado por grandes corporações multinacionais.

Diante deste perigo e consciente de que não existe nação forte sem empresas nacionais fortes, é fundamental que, sem abandonar o cerrado combate às ilegalidades já apontadas, a sociedade exija a preservação da engenharia brasileira, recusando a

possibilidade de desnacionalização de setor, de modo a garantir a participação das empresas brasileiras nos esforços com vistas ao crescimento econômico e desenvolvimento social do País. De fato, mesmo tentadas a sacrificar empresas nacionais - especialmente pelas pressões advindas da situação mundial e dos reflexos econômicos da instabilidade política interna e, ainda, dos arroubos naturais no enfrentamento a deslizamentos cometidos por dirigentes e executivos -, as autoridades devem ter em mente que não está em jogo apenas o Brasil de hoje ou aquele de amanhã, mas, sim, o Brasil das próximas décadas e de sempre.

Nesta perspectiva, tendo por pano de fundo o interesse nacional e mantendo rigorosa luta pelos valores éticos que devem nortear quaisquer atividades, a engenharia brasileira deve ser considerada como setor estratégico da economia e protegida do risco de desnacionalização. Só assim os brasileiros terão a possibilidade de almejar o controle do processo de crescimento econômico e de desenvolvimento social que interessa ao País.

(*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco.